

— Sim!... A mediunidade, antes de ser um fenômeno, é trabalho aos semelhantes!...

Dona Arlinda pretendia promessas mais claras e aduziu:

— Os protetores me auxiliarão?

Dagoberto sorriu e ajuntou:

— Eu, agora, minha irmã, só conheço um espírito que pode socorrê-la. Um, apenas. Sem ele, sua felicidade nunca virá.

— Oh! qual? — interrogou a senhora, dominada pela volúpia de implorar proteção diferente — farei preces, incluí-lo-ei em minhas súplicas diárias!...

Com surpresa geral, Dagoberto informou:

— É o espírito da boa vontade. Para encontrá-lo, não precisa dirigir-se ao "outro mundo". Ele está em seu mundo mesmo.

Pesado silêncio caiu sobre todos e a sessão foi encerrada, sem outras consultas.

XXX

VELHO APÓLOGO

Observou o Supremo Pai que o Homem, filho de seu amor e herdeiro de sua sabedoria, tateava angustiado nas trevas da ignorância, errando no vale escuro da Morte... Recomendou então ao Tempo a condução do peregrino das sombras à claridade da Terra onde o filho infeliz aprenderia a ciência da Vida com a Verdade, para que o túmulo não mais lhe perturbasse o caminho eterno...

Nasceu o Homem, na esfera carnal e, cuidadosa, a mestra Verdade procurou-o em pequenino. Os zeladores do infante, todavia, pais a título preário, afugentaram-na revoltados.

— O menino é nosso! — gritaram possessos de egoísmo — é cedo, muito cedo para a intromissão da realidade.

E segregaram o aprendiz miúdo num berço de rendas mentirosas.

Ao invés de revelar-lhe a condição de usufrutuário da escola terrena, conferiram-lhe perigosas ilusões. Afirmaram-lhe que o mundo era propriedade dele, que era superior aos semelhantes, que era, em suma, o único ser digno de respirar na atmosfera planetária. Incitaram-no a dominar sempre, fôsse como fôsse, a vencer de qualquer modo, ainda mesmo quando o sofrimento e a miséria lhe clamassem piedade e justiça.

Quando o Homem pôs o pé fora do lar, na puberdade, era um diabo mirim. Sabia espancar, depredar, humilhar, impor-se e ferir...

Notou a Verdade que grandes obstáculos se interpunham entre ambos, mas aproximou-se e ofereceu-lhe o tesouro que trazia.

O fedelho sorriu, cínico, e objetou:

— Nada disto. Quero viver por mim mesmo. Recolheu-se a orientadora, sem desânimo.

Aprumando-se o interessado em plena juventude, voltou a presenteá-lo com o patrimônio impecável.

O rapaz exclamou, desdenhoso:

— Estou muito moço ainda! seguirei sem mudanças.

Retraiu-se a sublime condutora. Decorridos alguns anos, informou-se de que o tutelado bebera novos conhecimentos nas fontes do mundo e regressou, esperançada, ao convívio dele, oferecendo-lhe os bens eternos. Sobraçando pesados compêndios, o aprendiz fujão, dessa vez, gargalhou, simiesco, declarando:

— Tenho a Terra. Não preciso do Céu. Estou bastante preocupado com questões imediatas para internar-me em problemas longínquos! a sugestão é prematura!...

Refugiou-se a instrutora nas vizinhanças, aguardando outro ensejo...

Quando o aluno refratário à lição se consorciou para converter-se em pai provisório de outros aprendizes na escola terrestre, tornou a buscá-lo, abrindo-lhe o acesso à espiritualidade superior. O protegido recusou recebê-la.

— Vivo sobremaneira ocupado... não posso cogitar de enigmas transcendentes... — assegurou.

A incansável benfeitora passou então a visitá-lo, periodicamente, na expectativa de modificação repentina.

Assim é que o Homem lhe apresentava os mais variados pretextos, em troca da oferenda divina.

— Hoje, não. Tenho a mulher enferma.

— Enquanto meus filhos estiverem desassossegados.

— Depois. Antes de tudo, é indispensável garantir o futuro da prole.

— Minha cabeça estala!

— Assumi outros compromissos, não sou livre...

— Doente como estou, não arredarei pé de casa...

— Não posso faltar ao clube.

A Verdade jamais desanimou. Procurava-o, de muitos modos, cada semana. O hábil esgrimista do raciocínio, contudo, dispunha de golpes inesperados. Esquivou-se maciamente, enquanto lhe sobravam vigor e saúde. Quando se viu, porém, valentudinário e encanecido, fez-se vítima e desculpava-se, afiançando:

— Sinto-me fatigado como nunca...

— E' imprescindível espichar os anos.

— Estou velho em demasia para renovar-me...

Surgiu, no entanto, um dia, em que identificou singulares diferenças em si mesmo. Aterrado, verificou que a carne senescente estava flácida e descontrolada. O sangue engrossava-se-lhe nas veias. A epiderme semelhava-se ao pergaminho. Os ossos rangiam, quebradiços.

A Morte impassível acercou-se dele, tentando cerrar-lhe os olhos, mas o infeliz clamou por ajuda. Socorreu-o a ciência com picadas e beberagens. A Fé orou sentidamente, junto ao leito acolhedor.

O mísero, porém, temendo a escuridão do sepulcro, bradava para dentro do próprio coração:

— A Verdade! quero a Verdade!...

A benfeitora, reconhecendo-o, novamente cego, viu-se inibida de atender. Inclinando-se-lhe aos ouvidos, esclareceu:

— Agora é tarde...

O moribundo suplicou a intervenção do Tempo, mas o Tempo escusou-se, informando, inflexível:

— Agora, será necessário esperar...

E a Morte, querida e detestada, respeitada e incompreendida, aproximou-se serenamente, baixou o pano e concluiu:

— Agora, é comigo. Trataréi de seu caso.